

A realidade nas salas de aula

CORREIO BRAZILIENSE

10 JAN 1998

Tentando aproximar escolas do cotidiano de alunos, educadores concluem segunda etapa dos Parâmetros Curriculares para o 1º grau

- Lisandra Paraguassú

- Da equipe do Correio

As professoras Márcia Sampaio Costa e Ilse Hrist Trenedohl moram a milhares de quilômetros de distância uma da outra — a primeira no Distrito Federal, e a outra em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul — mas têm muito em comum. Ambas sabem como é difícil convencer seus alunos de quinta série de que português, a matéria de Márcia, e história, a de Ilse — ou qualquer outra — valem a pena ser estudadas. “Um professor tem que ser meio palhaço na sala de aula”, diz Ilse. “Tem que ser um artista”, apóia Márcia.

As brincadeiras usadas em sala de aula servem para disfarçar o real problema por trás dos currículos escolares atuais: a falta de contato com a realidade dos alunos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 5ª a 8ª séries — concluídos no final de 1997 pelos especialistas em ensino contratados pelo Ministério da Educação (MEC) e em fase de estudos por parte das escolas e secretarias de Educação — são a primeira tentativa para tentar diminuir o fosso que existe entre o ensino de matemática e português e o dia-a-dia dos estudantes.

Os livros que contêm a proposta inicial de conteúdos têm como premissa básica a “educação voltada para a cidadania”, como está colocada na apresentação do trabalho. Traduzindo: os educadores querem que os alunos deixem de lado a simples memorização dos conteúdos e passem a pensar e descobrir por si mesmos, transformando-se em críticos da sociedade. Para isso, toda a didática usada dentro das salas de aula terá que ser mudada.

BICHO-PAPÃO

As aulas de matemática são o melhor exemplo do que o MEC pretende que aconteça dentro das escolas. Temida e odiada pelas crianças, a matéria sempre foi o bicho-papão de todos os colégios. A culpa, analisam os especialistas, é da maneira como a matemática é ensinada. Poucos professores relacionam os conteúdos com o cotidiano dos estudantes — coisas como comprar laranjas na feira, ou economizar para comprar um brinquedo novo.

Aprender matemática, segundo os parâmetros, terá que ser uma forma de aprender a lidar com os números, contas e problemas que aparecem em casa, no supermercado, na coleta com os amigos para pagar a nova bola de futebol. Essas situações, muito mais reais do que fórmulas cheias de letras e números, teriam a capacidade de fazer o que muitos professores considerariam um milagre: as crianças gostarem da matéria.

Nos outros conteúdos, a idéia é a mesma: aproximar a escola da vida real. Outro terror dos estudantes, a língua portuguesa, passaria a ser tratada como o que realmente é: parte essencial da vida de qualquer pessoa.

Além de saber ler — um pouco — e escrever — menos ainda — os alunos desenvolvem muito pouco interesse por livros, jornais ou afins. “Os alunos aprendem a ler, mas não conseguem interpretar textos”, conta Márcia Costa. Trabalhar gramática, pontuação e interpretação em cima de textos — não só literários, mas também jornalísticos e outros que possam ser adequados às faixas etárias — é a base da proposta do MEC. A partir daí, as crianças passariam a ter mais condições de entender e criticar o mundo em que vivem.